

REGRESSANDO DA PESCA

(Phot. de Marques Abreu)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.
Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador
acresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 129

Braga, 18 de dezembro de 1915

Anno III

Ornamentos d'Egreja da Casa Estrella

Officinas d'Escultura e Talha Religiosa, em madeira, marfim e massa (Fundada em 1874)

Peçam o nosso catalogo illustrado com 143 gravuras. (Pede-se uma visita ás nossas officinas e depositos de vendas)

Aos nossos trabalhos foram concedidos os mais altos premios nas exposições Industriaes Portuguezas de 1887 e 1897



A CASA ESTRELLA é a] fornecedora das] principaes casas congengeres no estrangeiro
Depositos de imagens, oratorios, castiçaes, ramos, custodias, calix, lampadas, lustres, etc. etc.
e de todos os objectos do culto divino desde os mais simples aos mais luxuosos

Specimen de uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

PORTO — Rua do Bomjardim, 85 a 89 e Rua de Santo Antonio, 59 a 63

GUARDA = Representante e depositario — CASA SUCENA
Rua Heliodoro Salgado



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 18 de dezembro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 129—Anno III



MONSENHOR JULIO TONTI

Illustre Nuncio Apostolico em Lisboa e ultimamente creado Cardeal da Santa Sé

Chronica da Semana

Segue a "fita,,...

PELOS centros de cavaco, de bocca em bocca, o boato de que o sr. Affonso Costa *está muito mudado*, faz o seu mysterioso circuito. Ha hombros que teem o encolhimento da descrença, ha olhares desconfiados — ora ora! quem foi que lhe *metteu* essa? — mas ha tambem ingenuos que murmuram: — E' bôa! O Affonso! O Affonso Costa! Sim... a doença... aquella *démarche* do padre junto da esposa... a morte deante dos olhos... sim, ha casos, tem-se visto... A historia diz que...

A'parte estas duas correntes de crença e desconfiança, topa-se a cada canto um democratico a clamar que o chefe ficou transformado do miolo, que o Affonso conservador é um impossivel, e que *elle* se acha muito enganado com *elles* se vae por tal caminho.

No seu gabinete de presidente do conselho, o auctor do 14 de maio, o auctor da lei de Separação da Igreja do Estado, o auctor da lei de separação dos funcionarios, o explorador audaz da covardia da tropa e do marasmo da nação, ha-de sorrir-se, com aquelle sorriso escarninho que irrita ou assusta o bom burguez e só o sr. Germano Martins comprehende. E em Belem, esfregando as mãos de satisfeito ou ensaiando cumprimentos a correligionarios, o sr. dr. Bernardino Machado, sabedor do caso, ha-de dizer com os botões das suas luvas amarellas: — isto péga! é questão de tempo...

Eu não sei francamente que motivo haja para dar o sr. Affonso Costa por *mudado*. Ainda ha pouco, ao deputado catholico elle disse que *não ha questão religiosa* e esta phrase revela precisamente, que o sr. Affonso Costa está *na mesma*, como aliaz era de esperar. Pode ser, que ao seu espirito os erros commettidos se tenham apresentado mais claros; mas ao mesmo tempo o seu instincto de autocrata ha-de pedir mais victimas e as vozes da turba que o cerca e a que elle deu fóros de *povo soberano*, turba que pilha, que assalta, que vexa e que insulta, hão-de soar mais vivas a seus ouvidos, lembrando-lhe que já não pode voltar para traz. E para que? Não continua elle tendo um paiz a servir-lhe de capacho? Não gosa a clemente attitude espectante das opposições? Que lhe falta? Não tem depois do 14 de maio, a

seus pés, prompta a suportar-lhes o peso, uma situação politica de effectivo e de definitivo predominio? Quem o nega?

Sómente, o que eu não comprehendo é que, convencidos d'isto mesmo, ainda alguns bandarras aguardem com alvoroço o fim dos fins, a morte e a quêda da Republica, aos golpes do chefe democratico, — sendo já certo que ou o paiz tem, como disse Cunha e Costa, sete folegos e mais um, e resiste pobre e alquebrado como até'qui tem resistido, ou arrebenta de levar pancadaria e soffrer os trambulhões da empreitada jacobina, em plena republica *salvadora* e milagreira! Em qualquer d'estas hypotheses, o natural, o logico, o patriotico seria evitar n'uma acção fecunda de organização e levantamento geral, que a catastrophe se dê ou que mais pobre e alquebrado fique o Portugal dos tempos de hoje. Não é, porem, n'isto que se pensa. Trata-se apenas de dar ao *peor* a função messianica que foi dada a Couceiro, ao exercito, a Pimenta de Castro e a tantos outros. Fracassados estes movimentos, provado que só o jacobinismo impa de victoria, seja, dizem, o jacobinismo o salvador! E eis a grande massa a esperar, ou que o Congresso da Paz nos dê um rei, seja qual fôr, ou que o sr. Affonso Costa dê cabo da Republica.

E' assim que se pensa actualmente em Portugal... Conso-la no emtanto ver que de onde a onde ainda apparecem ideias de bom-senso. Assim, por exemplo, a nomeação dos preladados de Bragança e Porta'egre, feita com um criterio e um conhecimento das necessidades da nossa vida catholica que julgavamos perdidos, nas altas e baixas espheras, porque de ha muito os não viamos surgir.

A mim mesmo tenho feito esta pergunta: Livres como estamos, felizmente da tutela civil, nós catholicos, porque não aproveitaremos as competencias? porque não seleccionamos as *élites*? porque andamos nós perdendo o que ainda temos de bom, em questimulas, em divergencias, em rivalidades p'ssoaes que só desgostam? porque ciframos em jogos eleitoraes a vida de poderosas associações, em vez de a desenvolver pratica e efficazmente para bem da Igreja em Portugal?

... Mas, já sei, a veneranda cohorte dos prudentes vae responder a estas perguntas, abrindo os brados, revirando os olhos para o ar, e dizendo entre um portuguesissimo encolher d'hombros: *eu sei lá!*...

F. V.



VIDA INTENSA

Natal longiquo:

NESSE inverno calamitoso e frio, eu voltara ao Minho, com uma valise e uma resma de papel, á procura d'um logar arejado, limpo d'intrigas, desenxovalhado de perversões, onde poudesse escrever despreoccupadamente, longe do tumultuar ruidoso da cidade. Accolhera-me n'um solarengo casarão, ao cimo d'um outeiro escarpado, com os seus quatorze telhados, sua capella medieval e nobre com os trinta e seis tumulos de seus trinta e seis senhores, seu pateo alpendrado, o seu tanque fradesco, onde um satyro jorrava pela bocca sensualmente rasgada no granito, um veio d'agua fresca, que em recorvas ia cantando, pelos coregos do pomar.

Dezembro corria regelado e soalheiro, alegrando as arvores despidas, as terras fartas de sementeira, os prados verdes, as escarpas humidas, os montes endurecidos pela neve, abandonados de pastores, silenciosos, os tristes, sem o echo d'uma cantiga, o murmurio gemer d'uma frauta e se a colheita fôra minguada, não era de desespero o tom inexpressivo das phisionomias dos camponios, n'aquella tarde melancholica, em que mal acomodado no velho carroção minhoto, pouco afeito a estradas regulares, cheguei ao portal sombrio, d'esse retirado solar. A sineta retiniu apressada, no pateo lageado, ladraram amigamente os cães de guarda, bauboleando as caudas, acolhedores, e momentos depois, na sala dos retratos, escovado já do pó da jornada, revi com saudade essa casa quadrangular e fria, onde em pequeno folheára os *Dois Mundos* e seroara ao derredor da lareira de pedra com ornatos de carvalho velho. Como n'um sonho, reanimei todo esse passado distante, que agora me recebia como um amigo velho, que se não vê a miudo mas que sempre, se recorda com agradabilissima saudade.

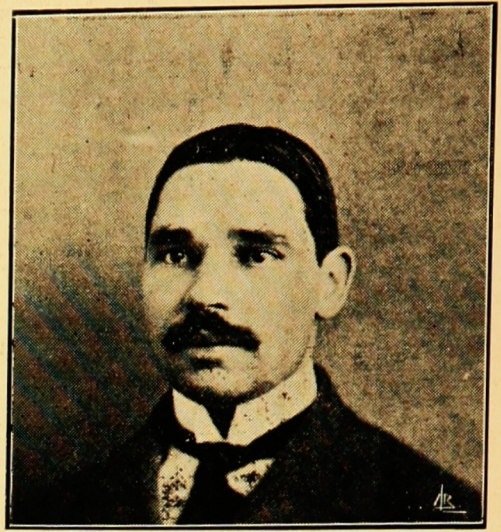
Cantava já ha algumas horas na vasta lareira da cosinha, o canhoto do Natal, que, ressequido se conserva d'anno para anno, como salvaguarda de trovões e raios e que piedosamente se reacende no lar, quando em noites de tormenta as nuvens se chocam pelo ceu em sinistros ribombos, ameaçadores. No velho preguiçeiro de carvalho polido, sobre a mais alva toalha de bragal, fiado e dobrado por mãos de dona, tecido e corado pelas serviçaes da casa, estendiam-se já flôres e loiças d'India velha, onde descansavam abaciaes rabanadas, os classicos *formigos*, sopinhas de pão com mel, bollinhos de *jeremú* com ovo, os figos, as passas, as nozes e os pinhões. A um canto da lareira, desffando o rosario, a Anna Rosa, contava lendas e entremeando piedosas *Avé-Marias* ia descrevendo a zagallas e moças, os desventurados amores de certa loira morgadinha, por certo cavalleiro de feltro e gibão negro. Abegões e eguariços descascavam as pinhas entre remoques chalreiros, que excitavam a boa Anna Rosa, interrompendo-lhe as historias, perturbando-lhe as orações.

Entre musgos e fetos d'um verde claro, n'uma cantoneira carun-

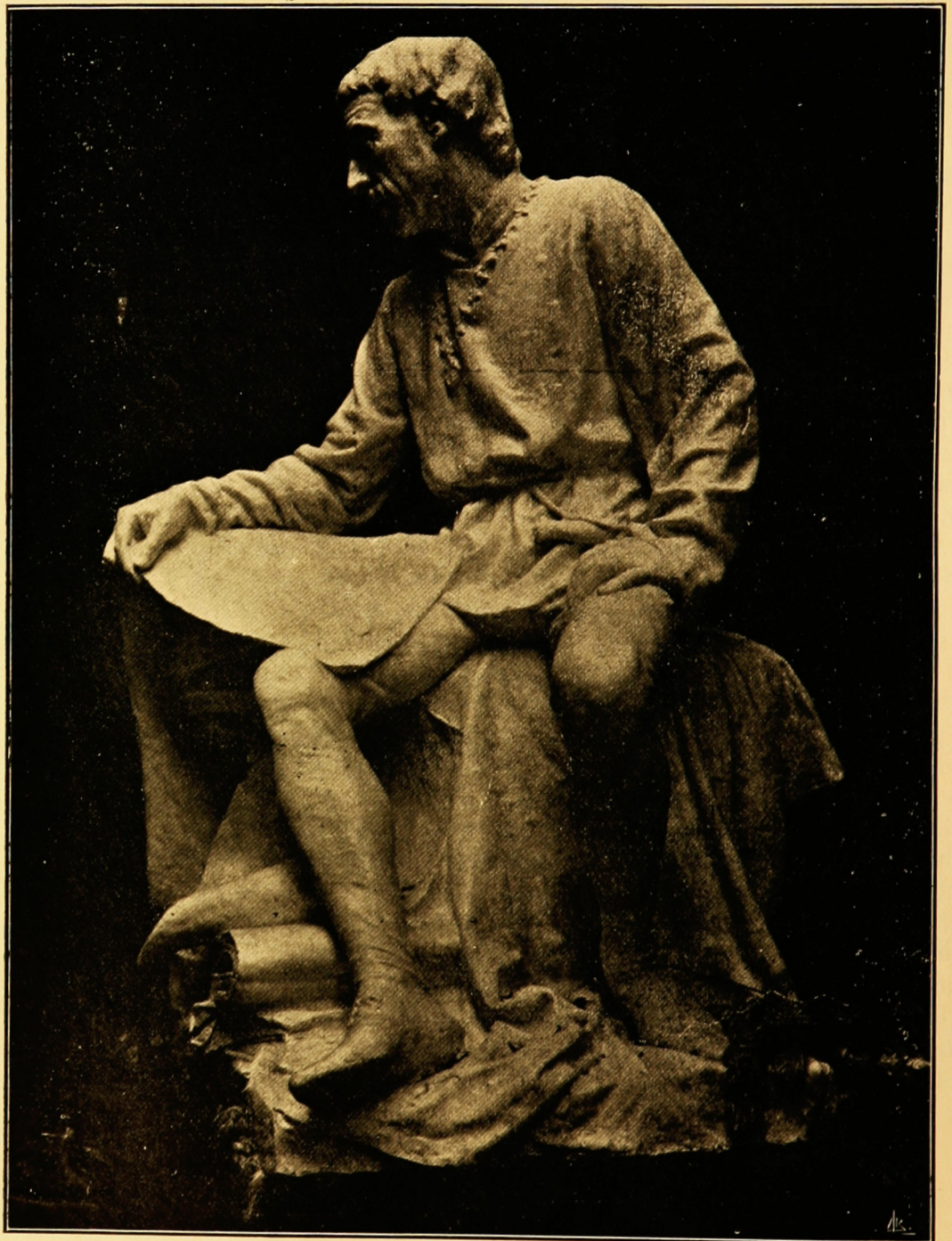


chosa, repousava o Menino, sob guarda fiel de um vistoso *figurado* de barro, que a Morgada trouxera pela feira dos *Santos* e alguns microscopicos cereaes allumiavam parcamente o *m* provisado presepio. Ia correndo a noite, estrelada, clara, noite alegre e feliz, d'amor, de risos, de cantigas, ao derredor da lareira em chamma, sem odios, sem tristezas, como se as almas n'essa noite immensamente santa, unidas, igualadas, pela poesia tradicional da consoada, se embriagassem d'alegria e esquecessem por momentos, as agruras crueis de seu crudelissimo mau fado.

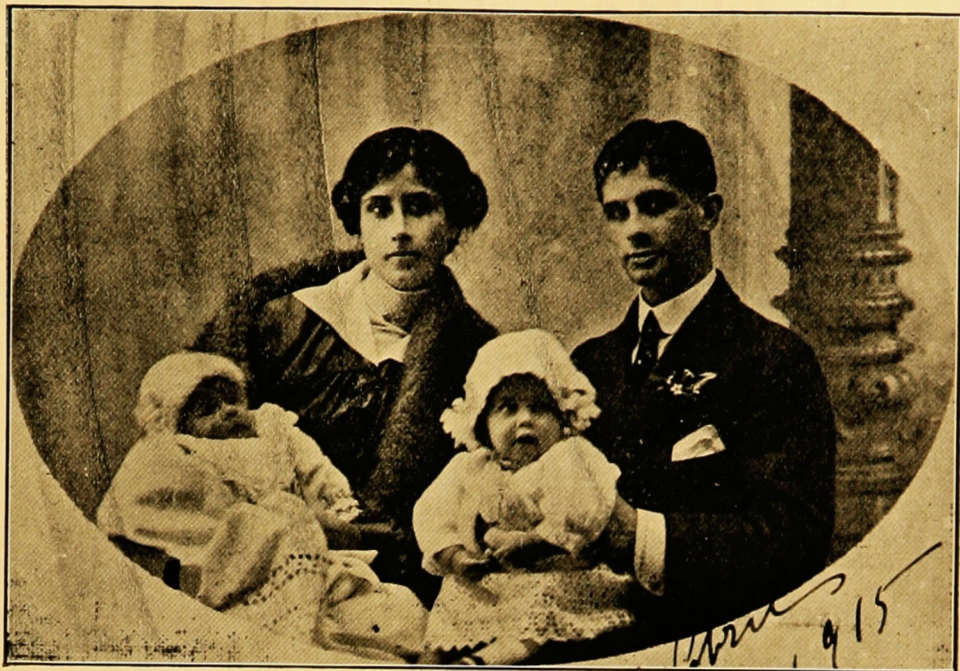
A ceia começara com o classico bacalhau cosido, seu exotico cortejo de legumes, ovos e batatas novas, leite massado e borôa, bollinhos de bacalhau, o tradicional vinho quente com mel e entre risos e cantigas decorrêra animada, franca, intristecida por momentos pelo lembrar dos mortos ou pela saudade amiga dos que partiram para longe e que de longe nos acompanham em espirito, n'essa santa noite de paz. Apoz a ceia vieram as danças, as cantigas, os jogos do *rappa*, as historietas da Anna Rosa, os remouques palreiros dos eguariços enquanto a chamma cantava na lareira, n'essa hora feliz, d'encanto e de poesia, de lembranças e de sonho, n'essa hora tradicional e amiga, onde em cada lar crepita uma fogueira e em cada coração floresce uma saudade... E' por isso que annos depois, longos annos d'incerteza e de lucta, de amargas sinistras decepções, eu lembro com saudade infinita a poesia intima d'aquella noite, o encanto subtil d'aquella velha, boa, palradora Anna Rosa, que na sua simplicidade e na sua crença, era bem o symbolo augusto d'aquella tranquilla patria d'então, feliz, descansada, o coração forficando-se na crença, na familia e na tradição...



Dr. Joaquim Diniz da Fonseca
Presidente da Federação da J. C. P. (zona central)



JOSÉ DE FARIA MACHADO. *INFANTE D. HENRIQUE* — Trabalho de Costa Molta, para o concurso que se realizou na Escola das Bellas Artes, em Lisboa



O snr. José d'Abreu de Noronha Calheiros Pereira Coutinho, pranteado filho dos ex.^{mos} snrs. condes de Paço de Victorino, com sua esposa e filhinhos, poucos mezes antes da sua morte

SAUDADE



N. da R.—Este artigo torna a ser publicado por haver salido primitivamente com algumas incorrecções.

Morrer em plena mocidade quando tudo sorri como em manhãs douradas de maio, onde a alegria se expande em jorros de luz, ouvir o plangente dobrar dos sinos, ver amortalhada a felicidade, faz doer a alma, soluçar o coração.

Morrer na primavera da vida, quando as rosas do noivado exalam ainda perfumes d'amor, morrer quando o sol brilha e o luar argentea, é amortalhar o coração, é pôr crêpes na alma.

Assim sentíamos quando nas horas tristes de crepúsculo acompanhávamos chorando quem tanto perdera...

N'uma casa solarenga, onde outr'ora reinava a alegria, fizera-se dona, a dôr implacável, ceifando uma vida preciosa que reunia todo um poema d'amor.

A alvorada fôra de rosas brancas côr d'opala como a Estrella da manhã.

O formoso *Lethes*, que banha a casa histórica onde um par idyllico abrigava o seu sonho d'amor, ia embalsamando nas águas côr de saphira aquella felicidade sem egua!, mas, ella que dura como as rosas de maio deixou de sorrir e a aza negra do infortunio adejou sobre ella.

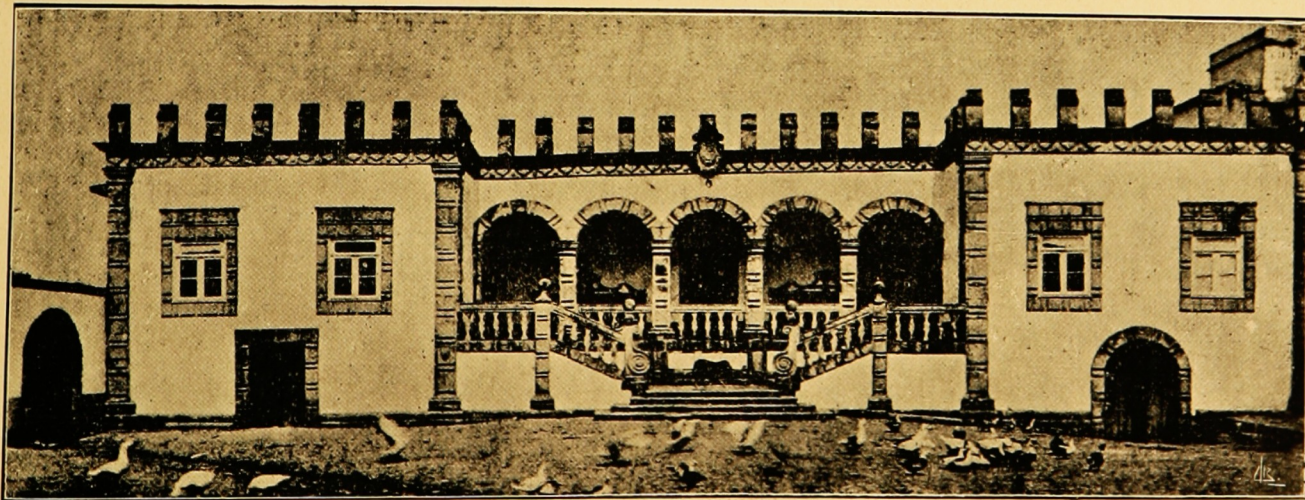
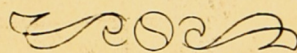
Morreu, foi a voz cavernosa da morte que espalhou a noticia fatal e fez derraçar lagrimas amarissimas por aquelle moço estudante, José d'Abreu de Noronha Calheiros Pereira Coutinho filho mais novo dos Condes de Paço de Victorino, que era um modelo de filho, marido e pae.

Nós que o conhecíamos desde a infancia sabíamos o que valia aquella alma generosa toda dedicada ao amor do seu lar, amor que lhe p'rtira o coração quando pouco antes sua filhinha Maria Margarita se lhe desprendia dos braços tremulos d'angustia para os dos anjos que lh'a transportaram ao Céu...

Dobram os sinos a finados dentro dos corações doloridos e milhares de pessoas a quem os sons funereos tanto magoam, veem render a ultima homenagem a Paço de Victorino, onde amortalhado na sua capa negra d'estudante o juvenil herdeiro de tantas tradições fidalgas, está estendido no esquife coberto pelas flôres que a saudade alli espargira orvalhadas de lagrimas.

E a nós vendo-o tão sereno deitado entre as flôres vemnos ao pensamento a visão suave da felicidade beatifica que Deus tem preparada para aquelles que o amam e que é tão grande que fez dizer a São Paulo, que nunca se viu nem sonhou ventura egual.

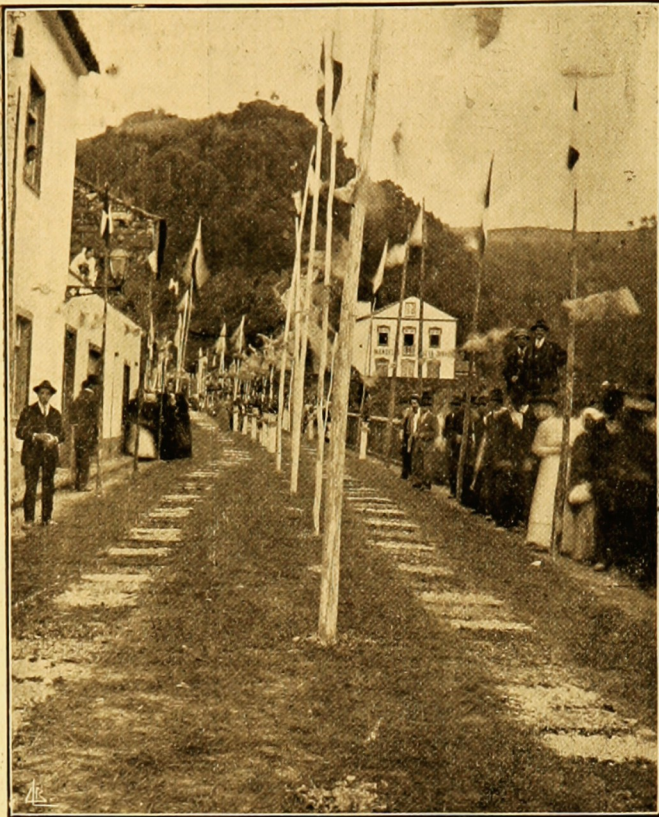
MARIA SALOMÉ.



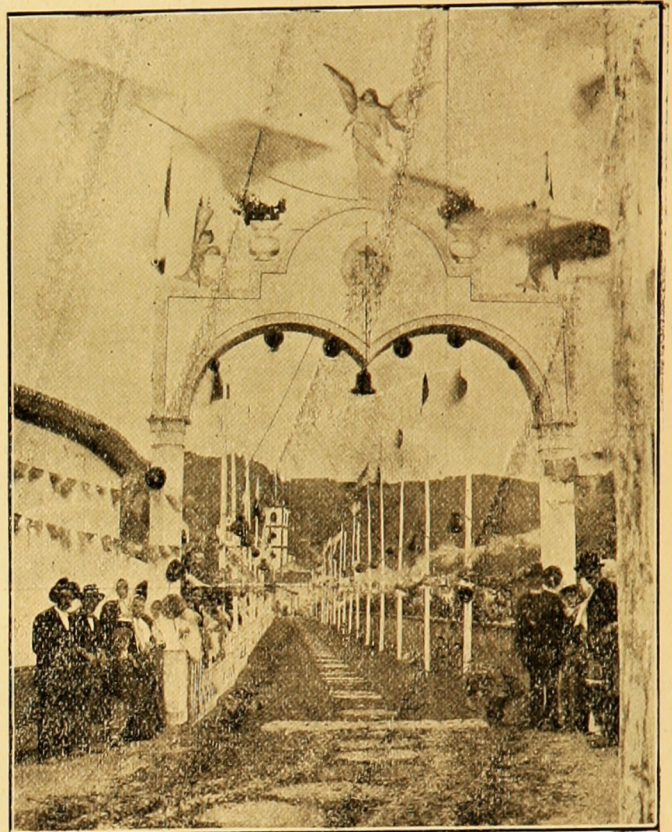
PONTE DO LIMA—Paço Victorino



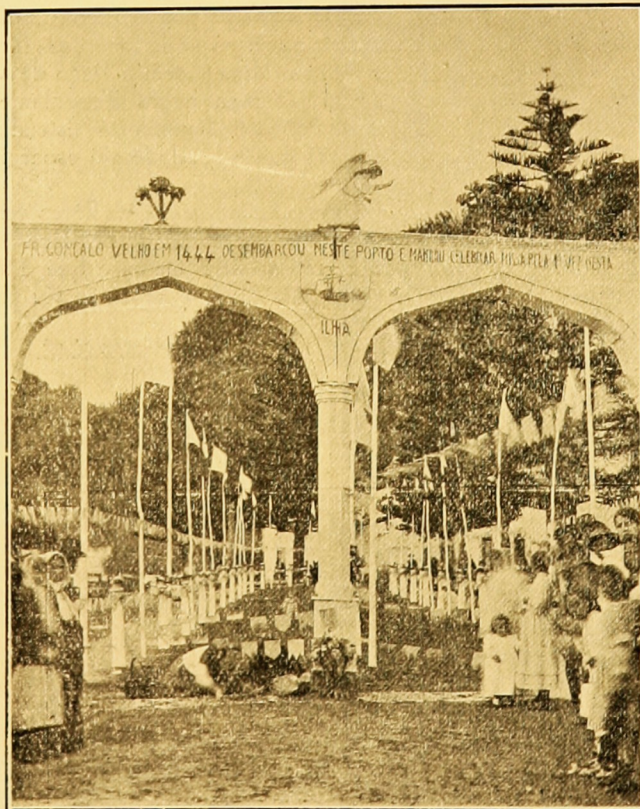
Na Villa da Povoação



Um aspecto da rua do Rocio no dia da grande festividade de Corpus Christi



Rua Nova—A rua está entapetada de flôres dando-lhe um lindo aspecto



Na Praça Velha

Ao cimo d'esta rua estava uma columna com fogareiros que queimavam o incenso. Este arco commemora a instituição do S. Sacramento, que segundo resa a tradição foi instituido por Fr. Gonçalo Velho no anno de 1444



Rua de Gonçalo Velho Cabral

Esta rua salientou-se pela originalidade da ornamentação do pavimento. Servia-lhe de tapete desenhos feitos de sarrim tingido de diversas cores



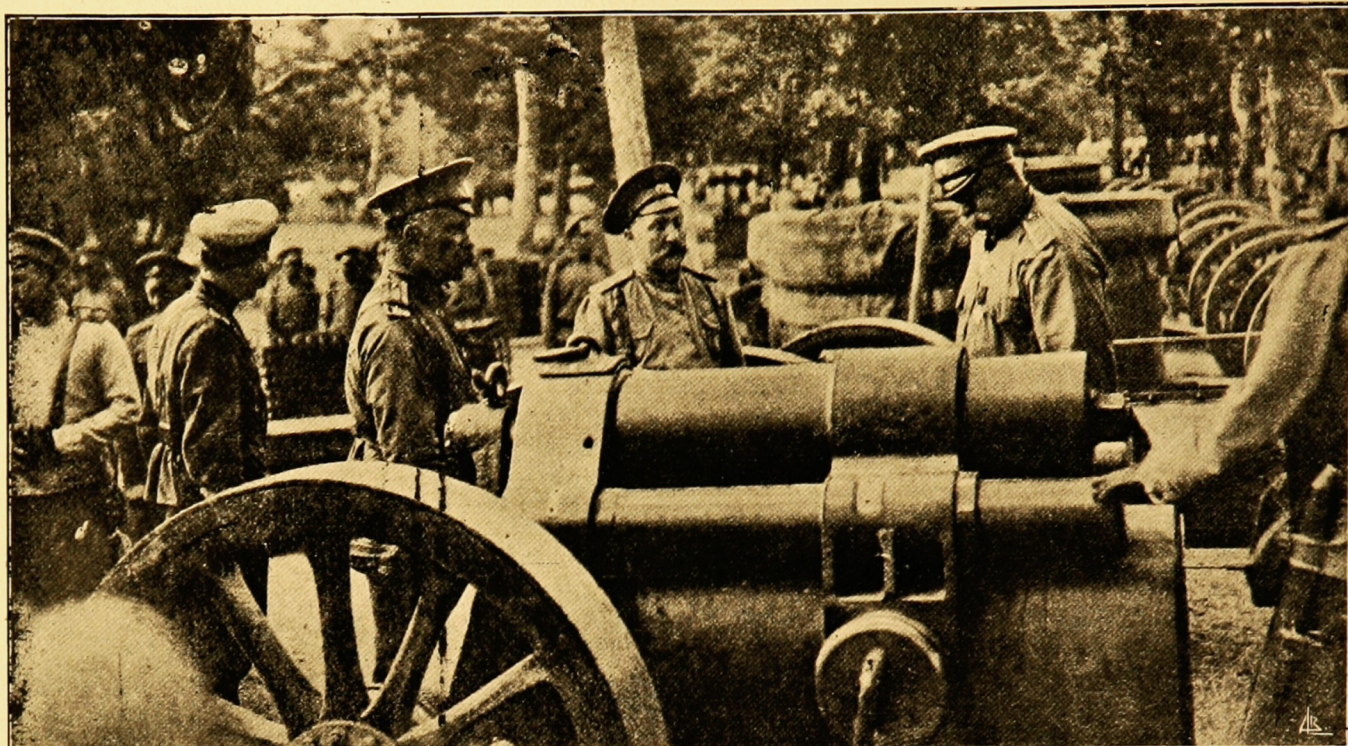
BRAGA—(Avenida Central). Palacete do fallecido dr. José Maria Rodrigues de Carvalho, ultimamente adquirido pelo Estado para a installação da Filial da Caixa Geral dos Depósitos



Trazeiras do palacete

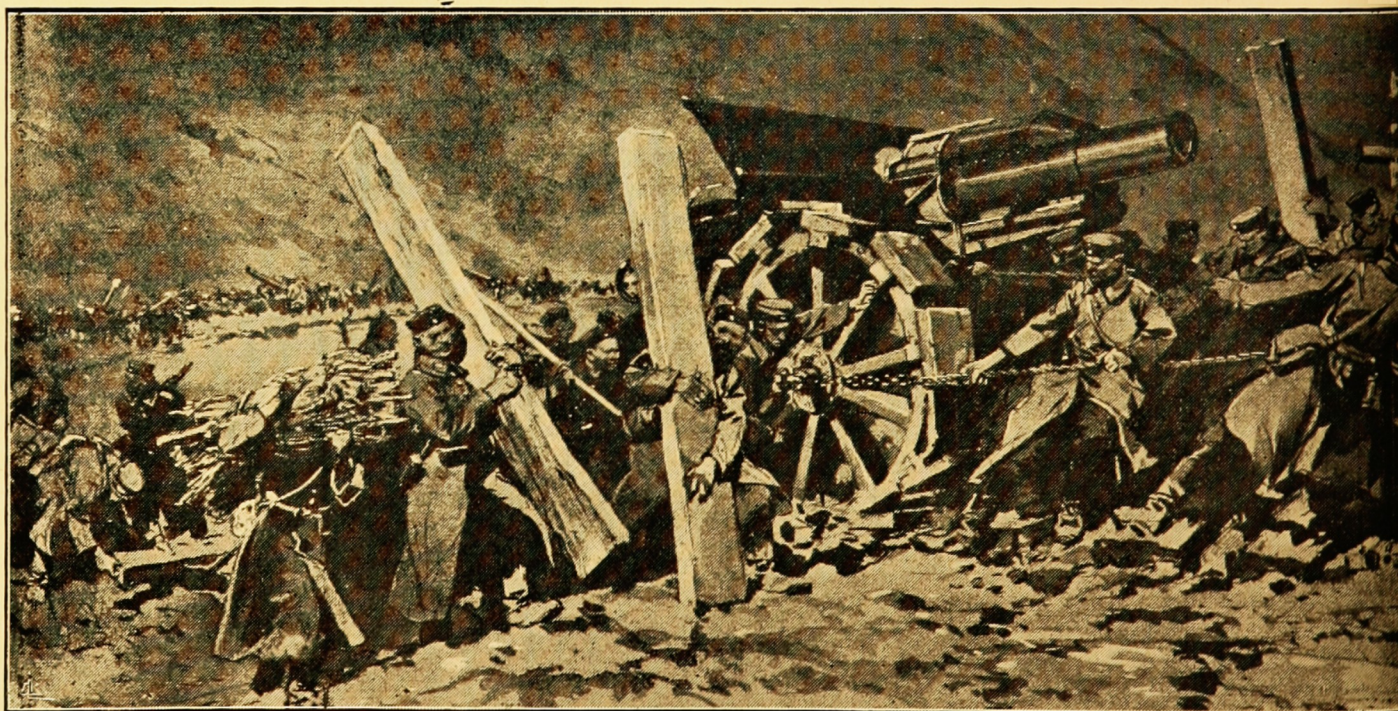
(Photographia Alliança)

A Guerra Europeia



NA RUSSIA

Os officiaes do estado-maior inspecionando a artilharia de grosso calibre, que o governo japonéz lhes cedeu ultimamente e que em breve entrará em acção contra os austriacos



NA SERVIA—Os alemães transportando atravez do lodo, uns grandes canhões de sitio, para



OS PORTUGUEZES NA GUERRA

A Exc.^{ma} Snr.^a D. Laura de Vilhena Coutinho Ferreira de Gusmão, soccorrendo os soldados feridos, n'um hospital de sangue em Brest.

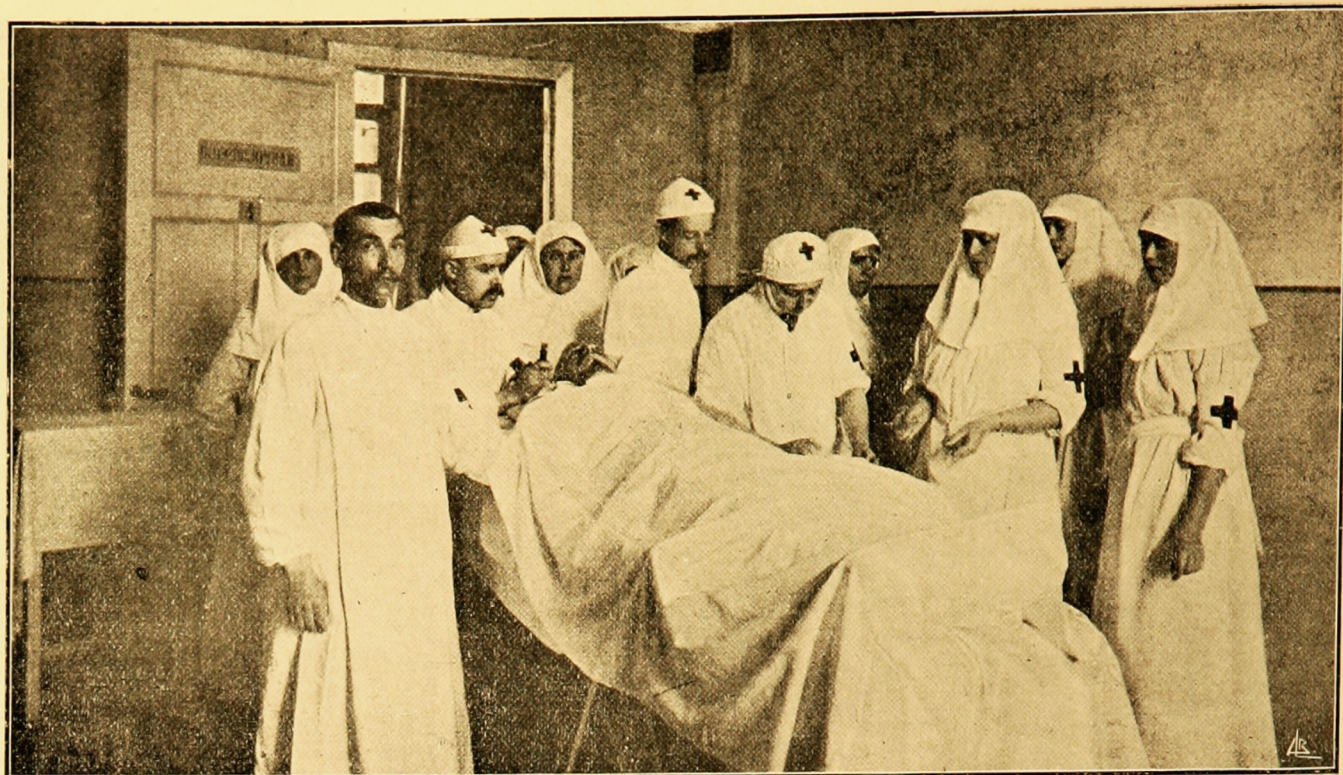
Esta Senhora natural de Braga e descendente de uma distincta família, encontra-se em França ha annos onde professou na ordem de S. José de Cluny.

Durante esta guerra como todas as suas companheiras, foi para os hospitais soccorrer os soldados feridos. Estava em Luneville quando os allemães tomaram aquella praça sendo logo, como todas as suas companheiras expulsas do hospital. Como sabia bem a lingua allemã obteve do general governador d'aquella praça licença para retomar o seu antigo logar. E durante a occupação d'aquella cidade pelos allemães alli se conservou soccorrendo os feridos dos dois paizes, mas sempre debaixo de prisão.

Logo que os francezes retomaram Luneville foi transferida para Brest onde se encontra soccorrendo os feridos.



uma nova posição tomada aos servios. Os canhões rolam sobre grossas pranchas de madeira



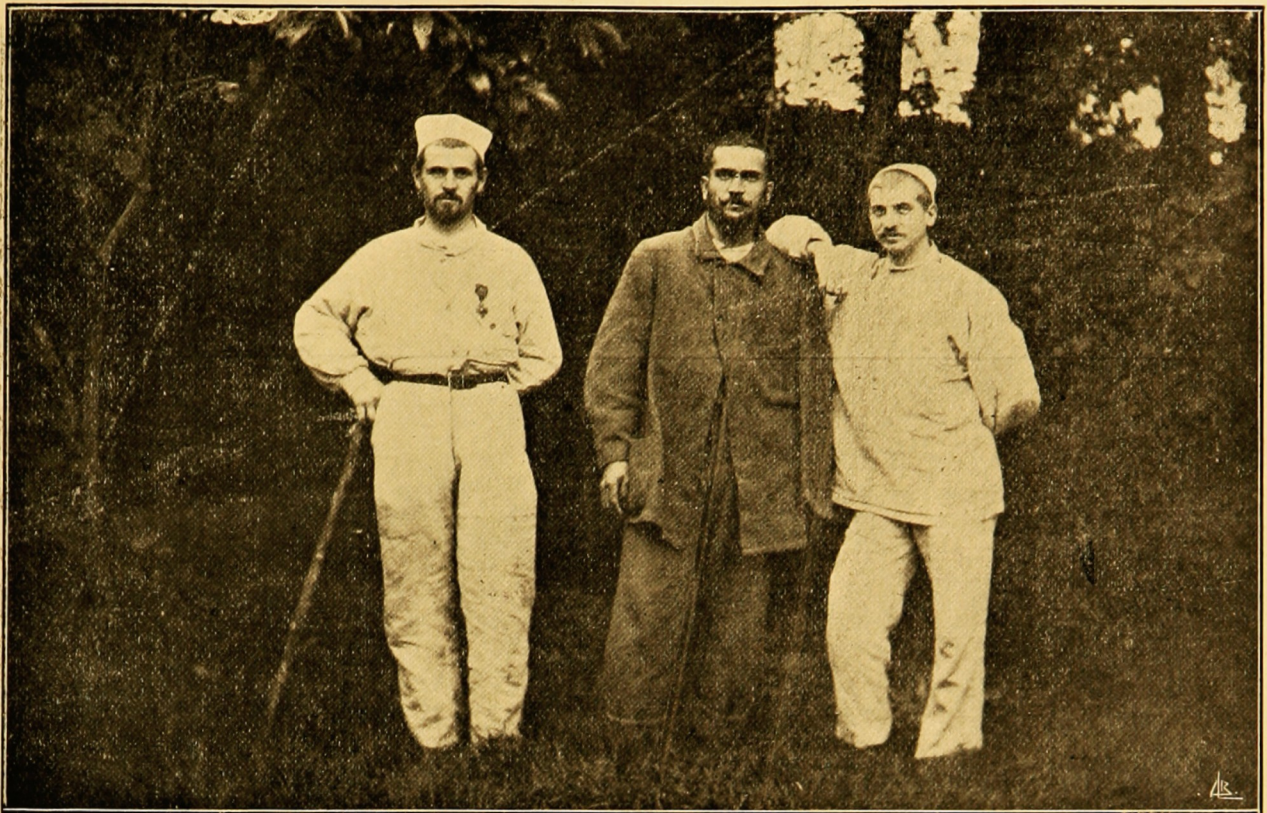
A FAMILIA REAL RUSSA PERANTE A GUERRA

*Emquanto seu marido o Tzar da Russia se encontra entre os soldados defendendo seu territorio dos inimigos, a imperatriz presta revelantes serviços aos soldados feridos nos ultimos combates, n'um hospital de sangue.
Ao lado direito está sua filha a granduqueza Olga*



EM BUCARESTE

Ha semanas uma grande manifestação popular percorreu as principaes ruas d'esta capital, saudando entusiastamente a Quãdrupla

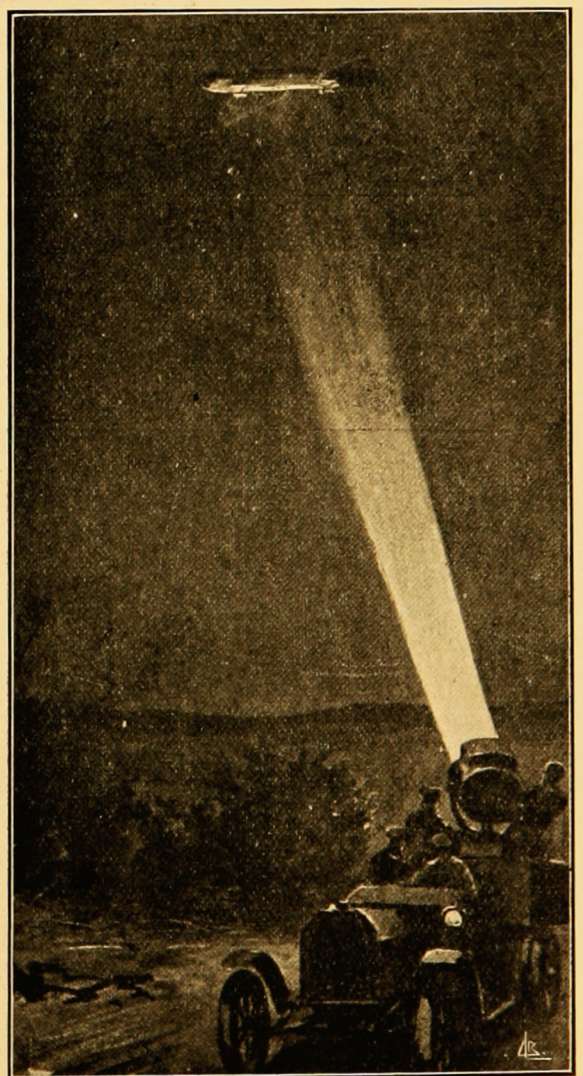


BREST — Alguns soldados convalascentes



BREST

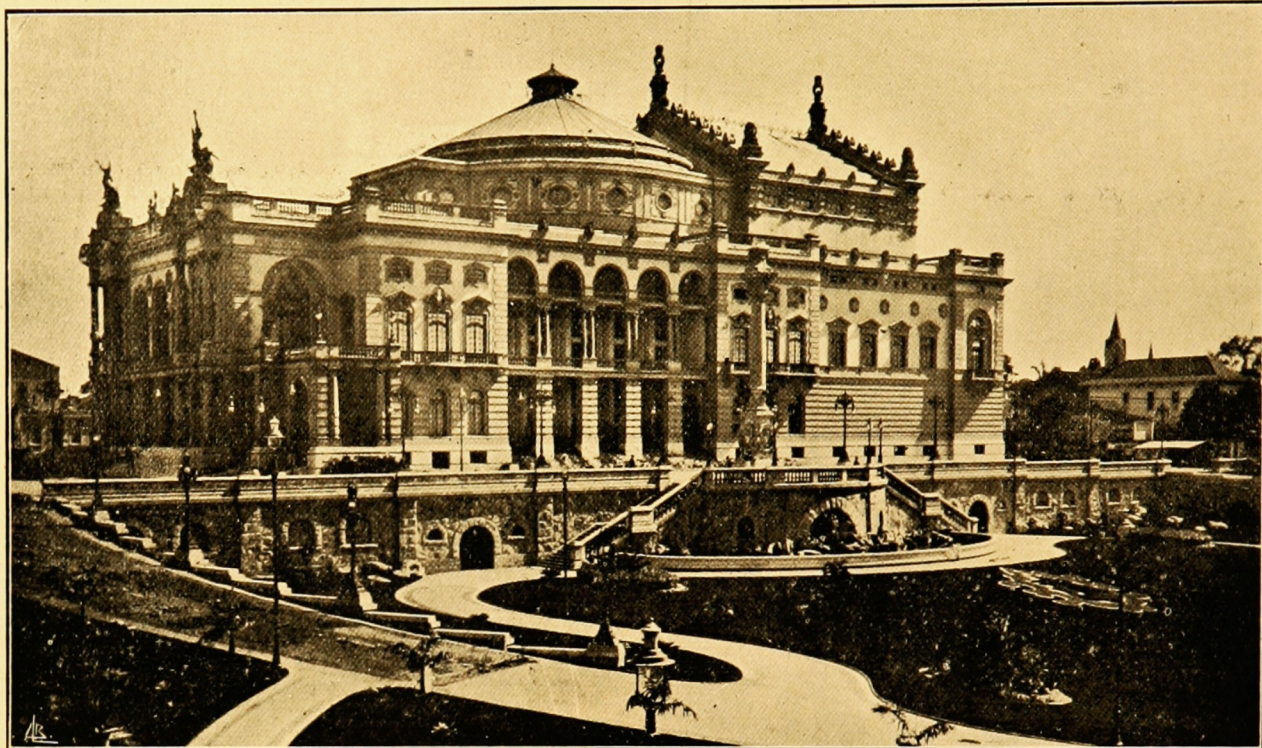
Dois feridos que de novo voltaram para a frente da batalha



LUCTA NO AR E NA TERRA

Um automovel blindado descobre com auxilio d'um holofote um dirigivel que de noite se dirigia sobre uma cidade do norte da França

A cidade de S. Paulo (Brazil)



S. PAULO—Theatro Municipal. esta grandiosa casa de espectaculos custou dez mil contos



A Estação da Luz

Maximiliano do Mexico



A sangrenta conflagração em que se debate toda a Europa e que transforma a desditosa Servia n'uma cervo de ruínas vem pôr mais uma vez em evidencia uma das individualidades mais desditosas e sympathicas da historia contemporanea. Referim-nos á malfadada louca de Lacken á imperatriz Carlota, viuva do imperador Maximiliano do Mexico, filha de Leopoldo I, rei dos belgas, e portanto tia do actual soberano, o intrepido rei Alberto, que tem defendido o seu paiz da fôrma mais brilhante e heroica.

Parece-nos curioso avivar a epopeia d'essas duas infelizes cabeças coroadas. Servem-nos de base a este nosso succinto trabatho um bello estudo feito pelo escriptor italiano Antonio Curti.

Entre os maiores erros do mais infausto soberano do seculo XIX.—Napoleão III—evidenciou-se a expedição do Mexico, guerra impopular que arroja a França para o caminho das altas irreparaveis e dá ensejo á tragica capitulação de Sedan.



Maximiliano do Mexico

Guerra desastrada imposta pelo imperador dos francezes, afim de reprimir a systematica intervenção do governo norte-americano na patria dos toltecas e dos aztecas; a terra classica dos «pronuneamentos»; onde a justa insurreição pela independencia degenera em convulsões anarchicas; e a ideia unitaria, a ideia utilissima da patria livre, se dissemina em escolas, systemas, partidos, seitas, cujas prepotencias e despolismos são lançados ás costas e responsabilidades da grande massa—do povo.

A base do incessante labor da America do

Norte é a doutrina de James Nonroe, annunciada na mensagem ao Congresso de 1823 e que exclue qualquer interferencia da Europa nas coisas do Mexico. Contra esses principios e essa doutrina fôrma-se a alliança franco-hispano-ingleza, constituida pelo tratado de Londres de outubro de 1861, com o objectivo de obrigar o Mexico a respeitar as pessoas e as propriedades dos estrangeiros. Mas, para dizer a verdade, a culpa é inferior ao projectado castigo, signal evidente que não só a defeza da civilisação é o motivo do tratado. De facto, Napoleão III—cabeça politica de primeira ordem—alimenta um deliquio muito seu, que deseja realizar com a apathica cumplicidade dos seus alliados. Sorri-lhe evidentemente, uma nova victoria das armas francezas, que sublinha o magnifico exito de Solferino.

*
* *

A intervenção armada, que constrange os mexicanos a pedirem desculpas e a pagar uma indemnisação de algumas duzias de milhões, effectua-se com a tomada de Vera Cruz, a 7 de janeiro de 1862. E' commandante da expedição, que parte de Cuba, o general Prim, Juarez—o ferreo presidente da republica mexicana, sorrindo-se de si para si dos norte-americanos, como se viu pelos acontecimentos posteriores—repelle energicamente quaesquer pretensões dos alliados, declara fôra da lei quantos mexicanos ousem auxiliar os invasores ou concorrer para mudar a fôrma do governo vigente.

A Hespanha e a Inglaterra, que não tem tão fortes interesses para se arrojam ás incertezas de uma guerra, induzem os francezes a tentarem praticas mais pacificas com Juarez.

O general Prim consegue entrar n'um acôrdo com os representantes do governo mexicano.

Tudo parece aplanado. Já começam os alliados a evacuar Vera Cruz, quando chega o general Lorencez, com tropas, enviado a substituir o almirante Jurien de la Gravière, accusado de impericia no tratado de Orizaba.

A Hespanha e a Inglaterra retiram-se prudentemente da perigosa empreza, deixando os francezes entenderem-se com Juarez. A campanha não corre bem para os filhos de França. Lorencez soffre um revez, a 5 de maio, cerca de Puebla.

A França recebe com dôr a noticia. Justifica-se então a expedição de um corpo de exercito, o que corresponde aos projectos acariciados por Napoleão.

*
* *

Em fins de setembro de 1862 desembarcam em Vera Cruz trinta mil soldados francezes, ás ordens do general Forey, que tem como seu immediato, mais tarde tristemente celebre, o marechal Bazaine.

Forey avança com lentidão sobre Puebla.

encontrando na marcha a mais desesperada resistencia. A 16 de março de 1863 Forey inicia o cêrco de Puebla, defendida pelo general mexicano Jesus Gonzalez Ortega, cêrco que dura sessenta dias. Dispendiosa victoria franceza, que não rendeu nada, por isso que Juarez se retira com os seus para o interior do paiz e multiplica as suas ameaças.

A 7 de junho Bazaine entra na capital, seguindo a pequena distancia por Forey. Este decreta a formação da famosa Junta do governo provisorio — uma assembleia de notaveis, elevada a Regencia — que não tarda a promulgar, entre outras coisas, a adopção da forma monarchica e o offercimento da coroa imperial a Fernando Maximiliano José, archiduque de Austria, e irmão do actual imperador Francisco José.

embarcara o archiduque na sua viagem em redor da Italia, em 1851, levanta ferro de Trieste para transportar os novos soberanos ao Mexico, agora sua patria adoptiva.

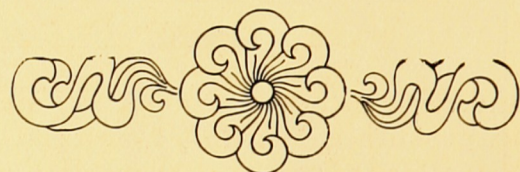
Constituia dever, para os dois principes catholicos fervorosos, saudar o chefe da Egreja, antes de atravessar o Oceano. O par imperial desembarca em Civitavecchia a 18 de abril e é recebido com toda a solemnidade em Roma por Pio IX no dia seguinte.

N'essa manhã o jornal italiano *Pasquino* publica a seguinte quintilha:

Massimiliano non ti fidare!
Torna sollecito a Miramare
Il trono fracido dei Montezuma
E' nappo gallico colmo di spuma:
Il timeo Danaos chi non ricorda
Sotto la clamide trova la corda

A 28 de maio a *Novara* fundeia em Vera Cruz. No dia seguinte o archiduque Fernando Maximiliano e Maria Carlota Amalia, da Belgica, desembarcam no tragico paiz, onde o primeiro é fuzilado e a segunda sae d'ali com a razão tão abalada que pouco tempo depois enlouquece para sempre.

EDUARDO DE NORONHA.



D. João Baptista Correia Nery Bispo Conde de Campinas

E' um prelado que muito tem nobilitado a mitra brasileira.

Muito lhe devem, com effeito, os serviços ecclesiasticos d'aquella diocese fluminense.

O Snr. D. João Baptista Nery, empenha-se quanto pôde, pelo engrandecimento religioso da sua amada diocese, merecendo-lhe particular attenção a instrucção do seu clero.

S. Ex.^a Rev.^{ma} dedica-se por completo á sua diocese, apostolisando nos pulpitos, edificando pela sua conducta exemplarissima e pela sua dedicação e abnegação em obras

sociaes e de caridade, e por tudo quanto seja protecção aos infelizes, para os quaes o seu coração está aberto e a sua bolsa continuamente solicitada não se fecha.

Sabe aproveitar o tempo, como poucos, tendo por unica distracção as festividades religiosas, a que assiste com exemolar gravidade.

Prelados d'esta contextura moral e social, teem respeito occulto em todos os corações, teem consideração manifesta em todos os catholicos.

G.



D. João Baptista Correia Nery,
Bispo-Conde de Campinas

A Vienna e a Miramar é enviada uma commissão presidida por D. José Maria Gutierrez de Estrada, a offerer a coroa do Mexico ao segundo filho da famosa archiduqueza Sophia. Após uma justificada reserva politica e natural prudencia, exhortado pela sua carinhosa esposa Carlota acceita solemnemente, a 10 de abril de 1864, a lisonjeira offerla.

A 28 de março a *Novara*, fragata onde

Anecdotas e historicas

Ditos e pensamentos

Os dose apostolos

FREDERICO II de Prussia entrou por direito de conquista em uma cidade catolica, e os tesoureiros da cathedral suplicaram-lhe que fizesse respeitar a sua igreja.

— Sobre tudo, senhor, vos rogamos que tomeis os nossos dose apostolos debaixo da sua proteção.

— São de pão os vossos apostolos? lhes perguntou o rei.

— Não, senhor, são todos de prata massisa.

— Pois bem, não sómente os tomo debaixo da minha proteção, mas até quero ajuda-los a cumprir a sua missão; «ide e girai por toda a terra», lhes disse seu divino mestre; elles girarão.

E sem demora a ordem foi passada para os dose apostolos irem para a casa da moeda.

Henrique IV e o aldeão

Andando á caça, Henrique IV afastou-se da sua comitiva e encontrou um aldeão a quem pediu que lhe indicasse o caminho. Seguindo os dois, o aldeão mostrou desejos de ver o rei. Henrique respondeu:

— Isso é facil! Quando chegarmos junto á casa de campo, repara em quem tiver o chapéu na cabeça quando os outros estiverem descobertos. Esse é o rei.

Quando chegaram juntos dos outros caçadores, todos se descobriram, e Henrique perguntou ao aldeão:

— Sabes agora quem é o rei?

O aldeão que ficara coberto, replicou:

Ou sou eu ou sois vós, porque todos os mais têm o chapéu na mão.

O bibliotecario-mór

M. Barru, embaixador de França em Hespanha, conhecendo a profunda ignorancia do bibliotecario-mór da real biblioteca, respondeu um dia a Filipe IV, que falava a respeito deste homem:

— Eu aconselharia a V. M. que o fizesse intendente do tesouro real, porque me parece que elle não toca jamais no deposito que se lhe confia.

Conde de Tarouca

D. João de Menezes, conde de Tarouca, dizia que as cousas em que um homem tinha menos paciencia eram: servir e não agradar, pedir e não lhe darem, dar e não lhe agradecerem, esperar e não conseguir. Era tambem de parecer que antes dar a muitos do que muito.

Estando um dia varios fidalgos conversando com D. João III em fidalguias antigas e avoengos passados, adregou de entrar D. João de Menezes. D. Rodrigo Lobo, barão de Alvito, que só prestava serviços para que o presentearsem disse ao ve-lo:

— Aqui vem D. João, que sabe muito dos passados.

Ao que o espirituoso fidalgo respondeu:

Dos passados não sei nada, agora dos presentes da vossa casa sei muito.

O jejum

O abade Feuillet, celebre prégador do tempo de Luiz XIV, assistia, um dia de jejum á consoado deste monarcha. Ao levantar-se da mesa, o rei tomou mais um biscoito, e virando-se para Feuillet disse rindo-se:

— Isto não fará perder o jejum?

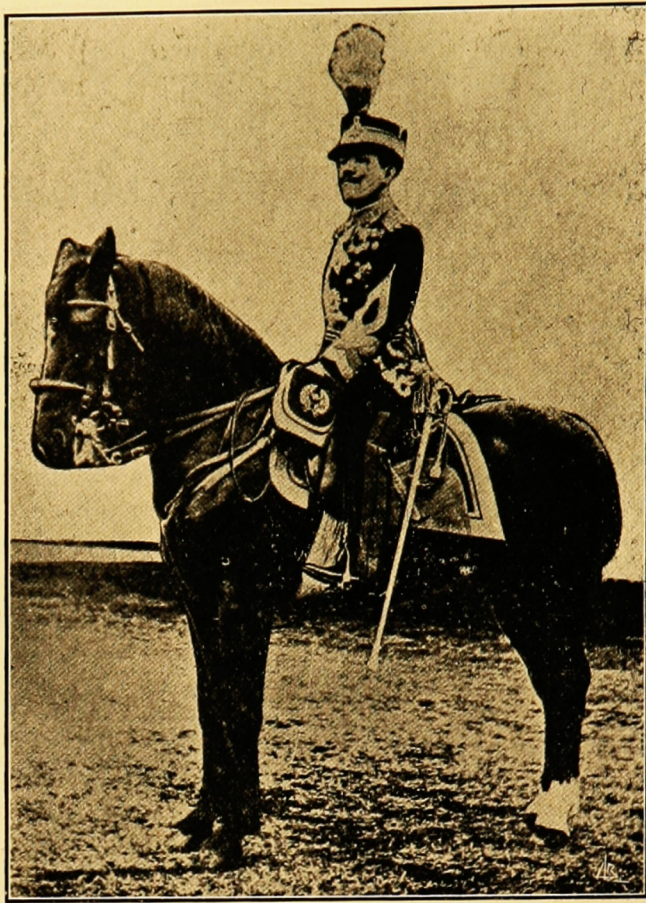
— Tende caridade, respondeu o abade, e comei uma vitella.

* * *

Ama-se o que menos convem. — Alguma consolação tem o que por amor padece. — A competencia no amor é causa de mais amar. — Afeição que diminui póde de todo desaparecer. — *Quintiliano.*

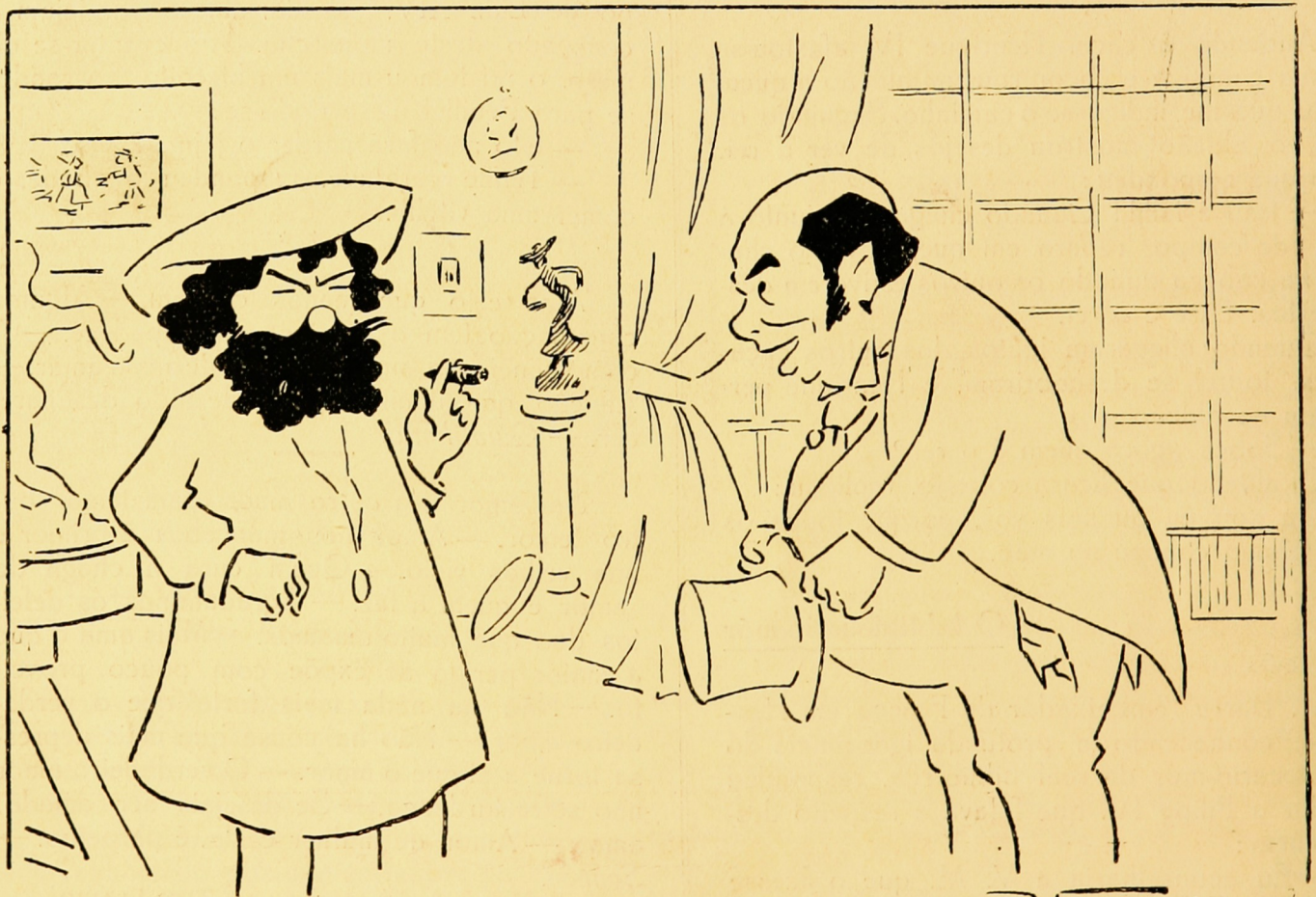
Um amor tira outro amor e um temor outro temor. — Amor nos mancebos é primor e nos velhos vicio. — Quem cura a chaga do amor é quem a faz. — Agradam-nos os defeitos dos que muito amamos. — Mais ama o que a maior perigo se expõe com pouco proveito. — Não ha nada mais forte que o verdadeiro amor. — Não ha cousa que mais depressa torne a si que o amor. — O verdadeiro amor não sofre tardança. — Se desejais ser amado, amae. — Amor de mulher casta, é perpetuo. — *Seneca.*

TITO FLAVIO.



O novo imperador do Japão que em Dezembro passado subiu ao trono

No atelier



—Eu queria que me fizesse o meu busto; mas, podendo ser, gostava que fôsse... equestre



ILUSTRACÃO
CATHOLICA
1915



Ornamentos d'Egreja da Casa Estrella

Officinas d'Esculptura e Talla Religiosa, em madeira, marfim e massa (Fundada em 1874)

Peçam o nosso catalogo illustrado com 113 gravuras. (Pede-se uma visita ás nossas officinas e depositos d' vendas)

Aos nossos trabalhos foram concedidos os mais altos premios nas exposições Industriaes Portuguezas de 1887 e 1897



A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas congengeres no estrangeiro.
Depositos de imagens, oratorios, castiças, ramos, custodias, calix, lampadas, lustres, etc. etc.
e de todos os objectos do culto divino desde os mais simples aos mais luxuosos

Specimen de uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

PORTO — Rua do Bomjardim, 85 a 89 e Rua de Santo António, 59 a 63

GUARDA — Representante e depositario — CASA SUCENA
Rua Heliodoro Salgado